

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA

REFLECTIONS ON THE DEVELOPMENT OF PROFESSIONAL IDENTITY IN PSYCHOLOGY

Ádhila Carlos Oliveira de Espírito¹
Paulo Francisco de Castro²

RESUMO: Este artigo possui como objetivo discutir o processo de formação profissional em Psicologia, caracterizando os principais aspectos que envolvem a constituição da identidade profissional na área. Trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico, por meio da análise do material teórico levantado possibilitando a compreensão sobre os diferentes elementos e aspectos que envolvem todo o processo de formação e desenvolvimento da identidade profissional, como a escolha da profissão de psicólogo, a importância das aulas teóricas e a das aulas práticas, a realização dos estágios, as contribuições pessoais e profissionais que a supervisão proporciona e o auxílio da psicoterapia pessoal na promoção do autoconhecimento. Com este levantamento sugere-se que os estudos realizados acerca da formação profissional atentem para a reflexão destes elementos que norteiam a constituição do curso de graduação e também a formação da identidade profissional do estudante de Psicologia, buscando melhor compreensão da complexidade do processo de formação e dos diferentes elementos que são determinantes para o desenvolvimento de profissionais aptos, com consciência de seu papel, além de éticos e tecnicamente competentes.

PALAVRAS-CHAVE: Escolha Profissional. Formação Profissional. Identidade do Profissional de Psicologia.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the process of professional development in Psychology, describing the main aspects that form the professional identity in this area. It is a bibliographical research that enables the understanding of the different elements and aspects involved in the process of development of professional identity, such as choosing the profession of Psychologist, the importance of theoretical and practical classes, as well as supervised internships, the personal and professional contributions provided by supervision, and the support of personal therapy for promoting self-knowledge. As a result of this research, it is recommended that the studies on professional development consider these elements that guide the curriculum of the undergraduate program and also the development of the Psychology student's professional identity, seeking a better understanding of the complexity of the development process and of the different determining factors in the development of competent professionals, who are aware of their role, ethical and technically skilled.*

KEYWORDS: *Professional Choice. Professional Development. Identity of the Psychologist.*

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Guarulhos.

² Psicólogo, Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos e Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.



INTRODUÇÃO

Em Psicologia, os aspectos e elementos que envolvem o curso de formação profissional têm se tornado objeto de estudo na avaliação ou reavaliação do processo de formação de psicólogo. O tempo de duração do curso, sua grade curricular, os estágios obrigatórios e a qualidade do corpo docente na formação de profissionais aptos a atuarem em diferentes áreas de trabalho, são aspectos que serão discutidos sobre a atuação e formação de psicólogo que remetem às exigências formais da graduação.

O processo de formação profissional inicia-se antes mesmo da escolha de uma profissão, onde o indivíduo por meio da busca de informações sobre o curso pode procurar profissionais da área e conhecimento de sua realidade cotidiana, confrontando assim, seus interesses com a possibilidade de uma escolha profissional consciente adequada.

Diante disso, discute-se a seguir conceitos fundamentais sobre Orientação Profissional e escolha da profissão de Psicologia, com ênfase nos aspectos da formação e sua relação com a identidade desta profissão.

A Escolha Profissional: os aspectos e elementos que envolvem o processo da escolha

Entende-se que, ao falar sobre identidade profissional, um dos importantes aspectos se relaciona ao processo de escolha, por esse motivo, inicia-se o presente texto com uma discussão sobre Orientação Profissional. Algumas considerações teóricas a respeito da Orientação Vocacional - O.V. - devem ser ressaltadas quando se fala de escolha profissional, pois a OV possibilita, com os suportes teóricos, técnicos e práticos necessários, a reflexão sobre uma escolha quando esta é desejada.

A Orientação Vocacional, como campo de atuação do Psicólogo, pode ser aplicada em diversas

áreas da Psicologia, promovendo diferentes tipos de trabalhos nas diferentes áreas em que se insere como a Psicologia Organizacional, a Psicologia Educacional e também a Psicologia Clínica, podendo utilizar-se de diferentes bases teóricas (VASCONCELOS, 2004).

O termo Orientação Vocacional pode ser costumadamente confundido com o termo Orientação Profissional, onde ambas, no processo de escolha profissional, possuem diferentes papéis que ao mesmo tempo estão interligadas pelo mesmo objetivo de apresentar e trazer ao jovem ou adulto informações pertinentes as profissões e ao mercado de trabalho (VASCONCELOS, 2004). Optou-se na presente discussão focalizar os conceitos empregados em Orientação Profissional.

A Orientação Vocacional tem como foco de trabalho, além da consciência das profissões e mercado de trabalho, possibilitar que o jovem ou adulto, conheça suas características pessoais, familiares, sociais a fim de que possa escolher uma profissão que integre suas próprias determinações psíquicas com a liberdade de escolha de um projeto de vida profissional ofertado pelo meio social (SOARES, 2002; VASCONCELOS, 2004).

Para Bohoslavsky (1987), a Orientação Vocacional precisa incorporar a dimensão ética em sua prática, pois esta implica em conceitos filosóficos, ideológicos e científicos que possibilitam um novo olhar sobre a pessoa que escolhe, e que passará a não mais ocupar a posição de objeto de observação, diagnóstico e orientação, mas sim de sujeito capaz de decidir sobre suas possibilidades de escolha.

Dentre as suposições, que ainda permeiam o processo de Orientação Vocacional, há três hipóteses que geralmente são levadas em conta e que direcionam o indivíduo em sua escolha: como a crença de que algumas pessoas estão melhor preparadas para certas tarefas do que outras; a crença de que uma escolha certa é aquela que classifica o indivíduo como ajustado socialmente e por fim, a crença de que se há pessoas diferentes, estas devam ocupar profissões

diferentes (BOHOSLAVSKY, 1987).

O processo de Orientação Vocacional tem como intuito auxiliar o indivíduo a refletir sobre si e sua realidade, onde a partir do autoconhecimento e da compreensão do mundo social em que vive, este consiga com autonomia construir seus projetos profissionais, conquistando também sua autorrealização (VASCONCELOS, 2004).

No trabalho clínico, o processo de Orientação Vocacional, sempre estará ligado a alguma concepção de homem. Na entrevista, a pessoa verbaliza de forma implícita ou explícita, que o seu desejo de escolha, não é a escolha de uma profissão, mas a escolha de algo que proporciona realização pessoal naquilo que ele pode vir a ser como pessoa (BOHOSLAVSKY, 1987).

Vasconcelos (2004) afirma que, quando uma escolha profissional nasce de modo espontâneo e também a partir de uma autorreflexão vinculada ao autodescobrimento, a possibilidade da pessoa se arrepender será menor do que daquela pessoa que não o fez assim.

A Orientação Vocacional pode ser considerada um trabalho psicoprofilático, onde este se baseia na análise psicológica do indivíduo por meio de recursos e técnicas psicológicas que busquem propiciar ao sujeito o desenvolvimento de suas potencialidades e também seu amadurecimento (VASCONCELOS, 2004).

Para Vasconcelos (2004), o trabalho desenvolvido em Orientação Vocacional pode acontecer tanto individualmente quanto com grupos. Geralmente, a procura pelo serviço de Orientação Vocacional, provém no período da adolescência. Porém, esse serviço não se restringe apenas a esta camada, que acaba por ser a principal demanda, mas também esta prática pode se desenvolver com adultos que buscam o trabalho em reorientação e reopção profissional.

No que se refere à escolha de uma profissão, tem-se subentendido que ao tomar uma decisão, escolhendo algo, diretamente a pessoa está abrindo mão de outra possibilidade de escolha. Soares (2002) acre-

dita que o ser humano sempre está escolhendo algo em sua vida, e quando este está relacionado à possibilidade de escolha de sua vida profissional, a pessoa poderá escolher desde um curso universitário até sua pós-graduação, como uma especialização ou mestrado, além de seu local de trabalho, seu local de moradia e o tipo de vínculo empregatício que deseja ter.

A percepção de Soares (2002) traz a ideia de movimento durante todo o processo de escolha profissional do sujeito, onde a pessoa escolhe em cada etapa de sua formação profissional os caminhos que deseja trilhar em toda sua vida profissional.

Segundo Bohoslavsky (1987), o jovem que deseja escolher está envolto em esferas sociais, que podem ser denominadas como ordens institucionais de uma sociedade. A religião, a política, o grupo familiar, o sistema produtivo social, são instituições que ao mesmo tempo moldam e são moldadas pelo jovem, cujo direito de escolher não estará necessariamente condicionado por estes elementos periféricos.

Porém, segundo Soares (2002) ao mesmo tempo em que a pessoa tem a possibilidade de escolha profissional, ela não o tem, pois uma escolha pode estar diretamente relacionada ao tipo de classe social que o sujeito pertence, portanto direcionando a pessoa aos padrões de comportamento e consumo esperados pela posição em que ocupa, transmitindo então a possibilidade de uma falsa escolha.

Para Soares (2002), a escolha de uma profissão é baseada em dois níveis de determinação do indivíduo: uma é a estrutura do aparelho psíquico e a outra a estrutura social. Sobre estes dois níveis de determinação, os conteúdos presentes no aparelho psíquico direcionam o sujeito a escolher a partir de suas experiências de vida, gratificantes ou frustrantes, juntamente com a história de vida trazida pela família e também aspectos observados na identidade de quem escolhe. Já a estrutura social, diz respeito aos valores atribuídos à classificação social dada ao sujeito, descrevendo assim os padrões de comportamento, anseios, de-

sejos e necessidades deste.

Dentro da ideologia dominante determinada pelo sistema capitalista brasileiro, Soares (2002) afirma que o exercício da escolha ou o exercício da consciência, não é algo estimulado ou culturalmente educado as pessoas, sendo a possibilidade de escolha um manifesto diário reproduzido pela mídia. Contudo, ao mesmo tempo em que o indivíduo pode ter seus determinantes históricos e sociais, este também pode ser agente de sua história e de seu grupo social, sendo um elemento que caracteriza seu grupo e que se projeta nele.

Bohoslavsky (1987) descreve que o sistema valores de uma dada sociedade pode permitir ou não se o campo da Orientação Vocacional terá seu espaço de atuação e sentido de existência na sociedade. Esta possibilidade de atuação pode acontecer quando há a valorização social da educação e também a necessidade de valorização que se atribui ao destino que a pessoa deseja seguir.

O mesmo autor também relata que, diante do sistema social vigente, que fomenta padrões de pensar, formando uma sociedade alienada, aumenta-se a dificuldade de se obter gratificação com a escolha de uma profissão, onde o adolescente, expressa uma dissociação aprendida em seu convívio social, reproduzindo o discurso de que um trabalho não está associado ao prazer ou a um hobby e vice-versa.

Bohoslavsky (1987) considera que nem sempre a influência do sistema educacional atua em sua função primordial, que é dar ao sujeito a possibilidade de aderir a um papel ocupacional adulto, por meio de recursos que possam agregar sua formação para então exercer uma ocupação produtiva e não repetitiva.

Dentre os fatores que interferem e determinam na escolha profissional do sujeito, têm-se como os mais importantes e frequentes os fatores: políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos (SOARES, 2002). Mediante tamanha complexidade que envolve o processo de escolha profissional, têm-

-se aqui um enfoque voltado para dois fatores que são a base da constituição da personalidade do jovem e do adulto, sua família e seus aspectos psicológicos.

A família do jovem ou do adulto possui desejos e expectativas sobre a vida e futuro profissional de seu ente querido. Por vezes, o jovem pode escolher e não reconhecer a influência do meio familiar sobre sua escolha, hábitos e interesses que, a sua maneira, influenciam na decisão do jovem (SOARES, 2002).

O desejo dos pais é que seus filhos correspondam à imagem projetada sobre eles, que pode ser um sonho que estes não puderam realizar, ou uma espécie de dívida familiar inconsciente, onde a realização de um projeto que tem passado de geração para geração é para o filho da atual geração a escolha ideal. No processo de escolha, este desejo dos pais demonstra o tipo de relação que tiveram com seus pais diante das expectativas apresentadas (SOARES, 2002).

De acordo com Soares (2002), o modelo familiar também interfere na escolha profissional, com o tipo de representação social atribuída às profissões, podendo ser positiva ou negativa. De modo geral, um projeto profissional abarca as expectativas que os pais e o jovem possuem sobre seu futuro, aspectos conscientes e inconscientes, bem como motivações e o desejo dos pais em relação à escolha do filho que caracterizam a subjetividade e a objetividade do jovem.

Para Soares (2002), a família do jovem busca ter ascensão social por meio do filho e de sua profissão escolhida, pois o status profissional de uma profissão pode determinar o tipo de valorização pessoal que a pessoa terá na sociedade. Portanto, mediante este valor social e familiar transmitido culturalmente, o jovem pode escolher uma profissão para sentir-se mais valorizado, importante e querido inconscientemente em sua família.

No entanto, a pessoa que escolhe encontra na possibilidade de uma escolha profissional adequada, o sentimento de sentir-se produtivo à sociedade e independente de sua família financeiramente, conquistando



do a administração de sua própria vida profissional e econômica (SOARES, 2002).

De acordo com Bohoslavsky (1987), o adolescente, frente à possibilidade de escolha, ao pensar sobre seu possível futuro, o tem como a possibilidade de formar uma família e também pertencer ao sistema produtivo da sociedade em que vive. O futuro para o jovem é ao mesmo tempo desconhecido e carregado de personificações, que remetem às relações interpessoais passadas, atuais e futuras.

Também se têm como fator que influencia a escolha profissional, os tipos de relações e papéis estabelecidos na dinâmica familiar, onde a imagem criada do sujeito dentro do núcleo familiar pode levá-lo a uma escolha incompatível com suas reais potencialidades e autoimagem verdadeira (SOARES, 2002).

Uma escolha também pode acontecer devido um conflito inconsciente familiar, como uma resposta na tentativa de compreender e solucionar uma situação traumatizante passada, fazendo uma escolha reparadora de uma conflitiva muito significativa para o sujeito. Pode-se ter como exemplo a escolha do jovem por um curso na área da saúde, em decorrência de seus familiares doentes ou mesmo jovens que sofreram problemas de saúde (SOARES, 2002).

Os aspectos psicológicos desempenham um papel importante na tomada de decisão de uma profissão. A motivação para a escolha de uma profissão, inerente à complexidade da constituição do ser humano, aparece como elemento, em geral inconsciente. O tipo de significado dado a uma experiência do sujeito pode influenciá-lo na percepção de uma profissão. Ocorre também a possibilidade da opção profissional, por uma escolha sintoma, onde a profissão escolhida pode dar continuidade ao sintoma do sujeito, sendo uma escolha não prazerosa e sim anunciativa de um conflito (SOARES, 2002)

A escolha profissional tem relação direta com as identificações estabelecidas desde a infância com os pais, familiares, amigos e professores, sendo es-

tas as mais importantes do sujeito. A escolha reflete um aspecto da identidade ocupacional, que é um fator importante na formação da identidade pessoal (SOARES, 2002).

Bohoslavsky (1987) acredita que uma escolha, está diretamente ligada ao desejo do jovem em ser igual a outrem real ao imaginado, para então obter os mesmos atributos, virtudes e possibilidades daquele que os possui em decorrência da posição ocupacional que exerce. Portanto, o adolescente não deseja escolher o que fazer, mas sim quem ser ou não ser.

A conquista da identidade ocupacional ocorre quando o sujeito integra suas diferentes identificações, ou seja, identidades diversas, conseguindo reconhecer o que deseja fazer, como fazer e onde fazer. Cabe aqui ressaltar que o amadurecimento físico, não necessariamente acompanha o amadurecimento vocacional do sujeito (SOARES, 2002).

Para Bohoslavsky (1987), a identidade ocupacional do adolescente é alcançada quando este, frente ao período da adolescência, ajusta-se psicologicamente na área do estudo e trabalho, que possuem o objetivo de permitir a atuação de papéis sociais adultos. Para o autor, a identidade ocupacional deve ser entendida como um momento que acontece durante o processo de conquista da identidade pessoal.

Ainda Bohoslavsky (1987) afirma que a identidade ocupacional é um aspecto determinante e determinado pela personalidade da pessoa, que está relacionada à autopercepção de papéis ocupacionais, que são definidos a partir de interações sociais e descritos como expectativas recebidas sobre este papel dado um contexto histórico-social.

A maturidade vocacional para escolher não depende apenas do conhecimento que o jovem possui sobre uma profissão, mas sim da capacidade que este jovem possui de projetar-se no futuro, imaginando-se em uma profissão, sensibilizando-se em relação aos problemas, relacionando os papéis profissionais a seus próprios interesses e interpretando o mundo do



trabalho em função de suas capacidades e necessidades, assim integrando seu conhecimento concreto da profissão com suas experiências subjetivas de vida (SOARES, 2002).

A escolha de uma profissão também pode estar ligada à influência de um profissional capaz de transmitir com clareza seu conhecimento profissional relacionando a parte técnica com a parte prática, aproximando o jovem da realidade de uma profissão, sem ao menos este ter vivido esta realidade (SOARES, 2002).

Bohoslavsky (1987) diz que assumir um papel ocupacional pode se dar de forma consciente ou inconsciente. Quando a pessoa assume um papel ocupacional de modo consciente, este manifesta ter um dos aspectos da identidade pessoal, a sua identidade ocupacional. Mas, quando este assume um papel de modo inconsciente, o desempenho deste papel se dá supostamente mais em função das identificações do que à identidade ocupacional em si.

A escolha de uma profissão pode acontecer fundamentalmente tendo como base as identificações que a pessoa possui. As identificações se referem à função defensiva, de superação ou contradição de um conflito. Este tipo de escolha pode ser considerado positivo, quando há autonomia sobre a escolha original e as identificações estabelecidas (BOHOSLAVSKY, 1987).

Bohoslavsky (1987) afirma que a identidade ocupacional inicia-se desde a tenra idade, onde objetos, pessoas, valores e atividades que envolvem o ego ajudam a construir, aos poucos, a proto-identidade ocupacional, constituída a partir de experiências próprias e pessoais. Sendo assim:

A identidade ocupacional se desenvolve como um aspecto da identidade pessoal. Suas raízes genéticas assentam-se, basicamente, sobre o esquema corporal e estão sujeitas, desde o nascimento, às influências do meio humano. Por isso, a identidade ocupacional, assim como a identidade pessoal, devem ser

entendidas como a contínua interação entre fatores internos e externos à pessoa. (p.56)

Uma escolha jamais será única ou definitiva na vida do sujeito, será mais um caminho possível dentro de outras possibilidades de escolha que o indivíduo pode vir a ter ou terá (SOARES, 2002).

A Formação profissional: os diferentes elementos que norteiam a formação da identidade profissional em psicologia

Segundo Witter e Ferreira (2005), o processo de formação profissional do Psicólogo inicia-se antes da escolha do curso de Psicologia. Para os autores, a vida profissional envolve a escolha do curso, a graduação, a pós-graduação e a educação continuada, que sofrem influências decisivas do núcleo familiar da pessoa, do novo núcleo familiar que a própria pessoa irá constituir, do contexto sociocultural, do desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão, do currículo, da legislação e atuação profissional, que permearão toda ou parte do ciclo profissional.

Witter e Ferreira (2005) acreditam que o ciclo profissional do Psicólogo inicia-se quando este tem o diploma em mãos. Porém, é somente nas aulas teóricas, práticas e no trabalho diário que realmente se constitui o profissional da Psicologia.

O estagiário de psicologia durante sua formação pode ser denominado como um aprendiz que está construindo suas principais referências da teoria, da ética e da postura terapêutica, porém este não pode ser chamado de especialista mesmo que tenha os recursos e requisitos mínimos para atuar em diversos campos da psicologia (RESENDE, 2005).

Para Resende (2005) isso se deve ao fato de os cursos de psicologia oferecerem cinco anos de conhecimento teórico e prático, que não se limitam em uma única corrente teórica-prática, como o modelo clínico, mas sim, em apresentar e abranger diferentes aborda-



gens teórico-metodológicas.

Atualmente, a formação profissional em Psicologia, tem sua estruturação curricular e também aspectos específicos da formação, baseados nas demandas sociais e à ética profissional. Tais demandas proporcionam ao curso de Psicologia, uma formação básica, científica e técnica, podendo ser denominada como uma formação generalista, pluralista, crítico-reflexiva e flexível de modo que este possa atender as características socioculturais e econômicas da sociedade e região a qual se encontra (WITTER; FERREIRA, 2005).

Resende (2005) defende que é de suma importância que o estudante do curso de psicologia durante sua formação, conheça, explore e dê espaço para as outras áreas e teorias que compõem a psicologia, não as deixando de lado como áreas distintas de atuação, uma vez que podem atuar com as mesmas teorias e técnicas daquelas tradicionalmente aprendidas.

Coelho, Peres e Oliveira (2005) afirmam que o conhecimento não pode ser algo essencialmente teórico, como na maioria dos cursos de psicologia, pois o que se é ensinado nas disciplinas de técnicas psicoterápicas, por exemplo, não assegura ao estagiário a consciência de seu papel como terapeuta e o desempenho satisfatório deste. Portanto isto quer dizer que, não basta ao estagiário apenas aprender, mas sim, é necessário, vivenciar o que se é aprendido.

Para Coelho, Peres e Oliveira (2005) o papel da supervisão é promover a troca de experiências e possibilitar um constante aprendizado, de modo que este elemento deva ser compreendido como de grande complexidade, pois se dá pela interação entre supervisor e estagiário, que envolve a construção de uma relação dinâmica permeada por sentimentos construtivos ou destrutivos que podem influenciar o andamento do processo terapêutico do paciente em vista, além de dirigir o desempenho do estudante.

O tipo de relação que se é estabelecida entre supervisor e estagiário pode ser uma reedição de desejos inconscientes que acabam por caracterizar cada

qual envolvido neste processo. Não raro pode acontecer que o supervisor “cuide” de seus estagiários como “filhos” e os estagiários idealizem o supervisor, tendo-o como modelo, assim como este o tem os seus pais (COELHO; PERES; OLIVEIRA, 2005).

Segundo Coleta, Cava e Silva (2005), o estágio supervisionado pode ser entendido como o início de uma prática profissional e também como um serviço de psicologia a ser prestado, além de essencial para a formação da atitude clínica e construção de uma identidade profissional, também é normativo e um pré-requisito para a obtenção do grau de psicólogo nos cursos de psicologia.

Sendo assim, para os autores a identidade profissional do psicólogo é a associação de alguns padrões de conduta, como a abordagem teórica, filosofia de trabalho e estratégias que caracterizam o papel do psicólogo. Já a formação da atitude clínica no aluno de psicologia se dá pela associação da psicoterapia pessoal, conhecimento teórico e prática clínica supervisionada.

Já para Resende (2005) a supervisão do estágio pode ser entendida como um espaço de reflexão, transformação e construção do conhecimento, o qual permite que o aluno desenvolva iniciativa e autoconfiança frente às demandas e necessidades de sua clientela.

Além disso, Coleta, Cava e Silva (2005) acreditam que o supervisor também pode influenciar nas formações da identidade profissional da atitude clínica do estudante de psicologia, onde o papel do supervisor não é apenas orientar, mas também de modo indireto servir como um tipo de modelo de atuação e profissional. Este, por sua vez, diante das crenças e atitudes dos estagiários tem como papel, também proporcionar segurança para a atuação do estudante, além de auxiliar na internalização do papel profissional. Portanto, a supervisão é uma atividade de cunho imprescindível que auxilia o aluno-estagiário tanto em sua aprendizagem quanto na formação profissional de sua atitude



clínica e identidade.

Para Witter e Ferreira (2005), a formação de Psicólogo sempre deverá estar cercada de cuidados e preocupações sobre o ensino universitário, formação profissional e pesquisa científica desta área, buscando acompanhar as mudanças socioculturais e a realidade do mercado de trabalho brasileiro.

De acordo com Witter e Ferreira (2005), a qualidade ou especificidade dos cursos de Psicologia do Brasil não são requisitos ou prenúncios de uma formação suficientemente sólida, ou garantia do exercício profissional satisfatório para atuar em qualquer área. Espera-se, que esta insuficiência constantemente seja complementada com cursos de pós-graduação (lato sensu e strictu sensu), um projeto de educação continuada de estudos e atualização destes.

Coleta, Cava e Silva (2005) também afirmam que não basta apenas descrever princípios norteadores de um exercício e formação profissional em psicologia como sendo determinantes de sua atuação e formação adequada e consistente, pois é de extrema complexidade afirmar que um profissional é suficientemente preparado a partir de tais diretrizes, se não soubermos se o aluno em sua formação em psicologia internalizou suas competências e atribuições necessárias para sua atuação no mercado de trabalho.

De acordo com Resende (2005), algumas competências e capacidades que são exigidas aos psicólogos recém-formados, não são suficientemente adquiridas durante a formação, principalmente aquelas de base psicanalítica e psicodinâmica, pois exige conhecimento teórico, capacidade de análise e síntese.

No ciclo de vida profissional, a formação e estágio acadêmico são recortes da realidade profissional escolhida. Entretanto, há outras atividades que podem complementar a formação profissional, que envolvem a participação em palestras, eventos, grupos de estudos e de pesquisa, além do próprio estudar. (WITTER et al., 2005).

Porém, as relações interpessoais estabelecidas

durante a graduação também trazem contribuições na formação profissional, e em especial há o corpo docente da Instituição que transmite todo um referencial cultural que subjaz ao currículo acadêmico, e que acaba por refletir na formação dos alunos e futuros profissionais (WITTER et al., 2005).

Em psicologia, os modelos de identidade profissional do psicólogo, principalmente em psicologia clínica, possuem fortes influências do modelo clínico médico, o que pode transparecer a ausência de uma identidade sólida e atribuições de seu papel em seu campo de atuação (COLETA; CAVA; SILVA, 2005).

Com a criação de um Conselho Federal de Psicologia, foram delineadas as atribuições listadas como dever e cumprimento ético do psicólogo clínico, que orientam todo o trabalho do psicólogo, servindo como um modelo de atuação e de identidade profissional do psicólogo (COLETA; CAVA; SILVA, 2005).

No trabalho realizado por Coelho, Peres e Oliveira (2005) acerca do Programa de Pronto-atendimento Psicológico ao Aluno de uma Universidade Estadual Paulista, os autores afirmam que é de suma importância que os alunos durante sua formação em psicologia tenham um espaço de acolhimento de suas angústias e conflitos decorrentes das atividades acadêmicas ou até mesmo de cunho pessoal.

Para Coelho, Peres e Oliveira (2005), além do papel que o Programa de Pronto-atendimento Psicológico ao Aluno tem a oferecer, que se pauta em possibilitar que o aluno de psicologia faça algum tipo de psicoterapia, este também possibilita que os estagiários dos dois últimos anos da graduação, tendo como opção a escolha deste estágio extracurricular neste tipo de serviço, tenham experiência prática como recurso didático e também a supervisão, como espaço de discussão e elaboração de hipóteses diagnósticas do atendimento.

Os autores ainda ressaltam que para o exercício da prática com base na técnica psicanalítica é importante que o supervisor estabeleça uma relação entre teoria e prática no ensino, para que o estagiário possa



ter uma compreensão adequada dos fundamentos e procedimentos a serem utilizados diante do manejo e dificuldades que podem abarcar o processo psicoterapêutico.

Segundo Coelho, Peres e Oliveira (2005), a promoção de redes de serviço psicológico à comunidade acadêmica discente e a participação destes em qualquer tipo de serviço, pode fazer com que o graduando do curso de psicologia desmistifique a ideia do que é precisar de atendimento psicológico.

A psicoterapia individual, como recurso que auxilia o próprio autoconhecimento, a capacidade de tolerância à frustração e a disponibilidade interna do estagiário, parecem ser elementos de extrema relevância para a presente e futura atuação profissional deste, que associada à fundamentação teórica consistente, instrumentaliza todo o processo psicoterapêutico (COELHO; PERES; OLIVEIRA, 2005).

As Pesquisas realizadas e que buscam refletir e compreender o processo de formação profissional em psicologia

No sentido de refletir sobre a formação da identidade profissional em psicologia, apontando os elementos que permeiam e envolvem todo o processo de formação do estudante, faz-se presente aqui a descrição de contribuições de algumas pesquisas científicas pertinentes e reflexivas, que trazem e apontam para diferentes elementos e conteúdos que fazem parte da formação de psicólogo. Foram levantados relatos de pesquisa que tratavam sobre a formação em Psicologia, nas bases de dados nacionais apresentados em ordem cronológica.

Na pesquisa realizada por Bastos e Gomide (1989), sobre a atuação e formação profissional do psicólogo, os autores buscaram descrever, a partir do levantamento de dados realizado pelo Conselho Federal de Psicologia, a descrição do psicólogo brasileiro. Neste estudo, os autores descrevem que desde 1962,

quando a psicologia foi regulamentada como profissão, há mais psicólogos diplomados do que psicólogos atuando em seu mercado de trabalho, devido aos diferentes motivos que podem levar uma pessoa a fazer o curso de psicologia.

Esta revisão e levantamento de alguns aspectos que podem descrever e demonstrar quem é o psicólogo brasileiro, mostra o perfil dos psicólogos entrevistados, em relação ao exercício profissional e formação, bem como apresenta sua preocupação frente à necessidade de atitudes comprometidas no ensino de formação. (BASTOS; GOMIDE, 1989).

Para os autores, aqueles que desejam fazer o curso de psicologia, o fazem mais por razões pessoais, como a possibilidade de autoconhecimento, crescimento pessoal e solução de problemas do que pelos motivos voltados para prática da profissão, assim não se asseguram que aqueles que estão em formação como futuros psicólogos irão ingressar no mercado de trabalho como futuros profissionais do ramo.

Para Bastos e Gomide (1989), a área de atuação do psicólogo demarca seu campo de trabalho e atribui a ele uma identidade, a partir de um conjunto de características voltadas à dedicação das atividades. De certo modo, tradicionalmente, as atividades que o psicólogo exerce definem seu modelo de atuação, o que ainda transmite a ideia de fragmentação da psicologia como área do conhecimento.

Por outro lado o curso de psicologia não tem como objetivo especializar o estudante em uma única área, porém os psicólogos recém-formados acabam por escolher apenas uma área, do que duas ou três para atuar.

Sobre a satisfação com o curso de formação de psicólogo, com base na fundamentação filosófica, metodológica e científica utilizada pela instituição de ensino, grande parte dos psicólogos já formados disseram ter insatisfação com os conhecimentos adquiridos na graduação, porém apresentaram satisfação sobre os conhecimentos teóricos aprendidos acerca dos

processos psicológicos básicos (BASTOS; GOMIDE, 1989).

Sobre o conhecimento da realidade socioeconômica e o papel do psicólogo, Bastos e Gomide (1989) demonstram que a formação em psicologia não prepara o futuro profissional para construir a psicologia, bem como para entender o conceito amplo de atuação psicológica, o que faz com que a psicologia tenha sido um saber reprodutivo.

Contudo, Bastos e Gomide (1989) afirmam que os currículos do curso de psicologia, em sua grande maioria, têm como intuito oferecer certo nível de conhecimento genérico sobre a psicologia, com formação metodológica e habilidade técnica.

Para os autores, muitos psicólogos formados buscam e necessitam de atividades de formação complementar, como cursos, estágios e terapia, como apoio ao exercício profissional após a graduação. Com isso, o sucesso ou fracasso profissional é apontado como consequência dos recursos de personalidade, sendo este seu principal instrumento de trabalho.

No estudo realizado por Bandeira et al. (2006), os autores apontam que as habilidades interpessoais são recursos sociais e profissionais de suma importância para atuação do psicólogo. Todavia, o psicólogo, não necessariamente que dê atenção e importância para essas habilidades irá dominá-las e utilizá-las em seu exercício profissional.

Para Bandeira et al. (2006), a abordagem teórica e a formação acadêmica podem influenciar na estima de valor atribuída a essas habilidades. Contudo, de modo geral, os autores puderam concluir que os psicólogos consideram como habilidades mais importantes para atuação profissional em psicologia: ouvir, observar, recusar pedidos abusivos e ajudar o outro a identificar os seus sentimentos.

Afirmam ainda que a habilidade de ouvir é uma das capacidades de maior importância para a profissão de psicólogo, pois esta ajuda a obter informações e compreender todo um processo que é estabelecido

com o interlocutor. Sendo assim, os autores ressaltam que esta habilidade deva ser desenvolvida em diferentes disciplinas do curso de psicologia, e principalmente nos estágios curriculares supervisionados.

Segundo Bandeira et al. (2006), a capacidade de dizer não e recusar algum pedido, pode não estar vinculada a alguma atividade curricular do curso de psicologia, porém esta pode ser desenvolvida nas vivências dos estágios curriculares supervisionados.

Conforme afirmam Bandeira et al. (2006), as habilidades de ouvir e observar são fundamentais como ferramentas de comunicação interpessoal, e são desenvolvidas, em especial, nos estágios básicos do curso de psicologia, que visam desenvolver competências e habilidades comuns às diversas abordagens e às diferentes áreas de atuação da área.

Cada abordagem teórica em psicologia tem a tendência em destacar mais algumas habilidades específicas do que outras. Os autores puderam identificar que a abordagem psicanalítica valoriza a habilidade de interpretar a fala do outro. Já a abordagem humanista valoriza a habilidade de ajudar o outro a identificar e expressar sentimentos. E a abordagem comportamental ou cognitivo-comportamental valoriza a habilidade de se auto-observar e reavaliar as decisões e atitudes tomadas. (Bandeira et al., 2006).

Para os autores, diante da ausência de domínio de algumas capacidades de extrema importância para a atuação profissional, acredita-se que há necessidade de preocupação com a formação e desenvolvimento destas habilidades no curso de psicologia, por meio dos estágios básicos, profissionalizantes e atividades complementares.

No estudo realizado por Lemos et al. (2007) verificou-se que as inclinações profissionais podem estimular diferentes atitudes no estudante de graduação em sua carreira profissional, pois as diferentes representações da profissão que os estudantes possuem, podem influenciar diretamente no processo de formação da identidade profissional.



Para Lemos et al. (2007), os fatores ou inclinações como o empreendedorismo, autonomia e liberdade, altruísmo e estabilidade e manutenção do estilo de vida, podem sofrer influências em maior ou menor grau, da família ou de amigos, do tipo de status e reconhecimento social que se pode obter, do tipo de retorno financeiro, a conquista da realização profissional e da relevância social com o intuito de colaborar para a melhoria da sociedade.

Segundo os autores, os estudantes universitários concluintes de graduação, podem apresentar diversas maneiras de entender a profissão escolhida, baseando-se em seus próprios conceitos, valores, planejamento e ações a partir de seus referenciais de inclinação profissional. Portanto, as referências profissionais que estes estudantes possuem, influenciam diretamente no processo de formação da identidade profissional, além de determinar o grau de comprometimento destes e também creditar uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

De acordo com Lemos et al. (2007), as inclinações profissionais são referenciais importantes na identificação dos conceitos, valores e imagem que os estudantes cultivam sobre sua profissão, além de orientar o estudante sobre seu perfil e o que a profissão tem a exercer e pode oferecer.

No estudo realizado por Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008), sobre a construção da identidade profissional do estagiário de psicologia a partir da atuação em um serviço público de saúde, apontam que a experiência do estágio possibilita o contato com a realidade de trabalho e também o ressignificar alguns paradigmas, como a manutenção do afastamento do psicólogo de seu objeto de estudo e também o enfoque individual como método.

Para os autores, a vivência do estágio, no serviço de saúde, pode ser entendida como um treino que visa preparar o estagiário para o seu campo de atuação. Dentro de uma instituição pública, este treino possibilita, de antemão, que o estagiário se defronte

com suas primeiras dificuldades no campo de atuação, como o impacto diante da história, realidade social e comportamentos de seus pacientes.

Segundo Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008), a participação do estagiário do curso de psicologia nas reuniões de equipe multiprofissional, propicia que o estudante não apenas reflita sobre os casos de seus pacientes, mas também que reflitam sobre suas próprias dificuldades, troquem experiências e conversem sobre as possibilidades de intervenção em seu contexto de atuação, bem como exponham sobre a peculiaridade de cada vivência experienciada a cada dia.

A relação que o estagiário estabelece com seu paciente se dá como parte constituinte da identidade profissional, onde terapeuta e paciente possuem diferentes contextos culturais e diferentes visões de mundo que podem influenciar no abandono do tratamento, por não fazer sentido a técnica e procedimentos ao paciente. (SCORSOLINI-COMIN; SOUZA; SANTOS, 2008).

Contudo, as diferenças e as diferentes representações que tanto terapeuta quanto paciente possuem um do outro, e principalmente a dificuldade do terapeuta em compreender as limitações de seus pacientes, podem ser desconstruídas por meio das experiências de cada atendimento, onde a cada atendimento ocorre a construção de uma relação, caracterizada por aceitação, empatia e possibilidade de ressignificação do tratamento e também a possibilidade de ambos se conhecerem, reconhecerem e construir juntos uma realidade (SCORSOLINI-COMIN; SOUZA; SANTOS, 2008).

Segundo Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008), a supervisão de estágio tem como um de seus objetivos promover aos estagiários uma atitude de repensar sobre suas posturas utilizadas diante de cada contato estabelecido na instituição ou fora dela, e que principalmente busque formas de atuar como psicólogo.

Ainda sobre a importância da supervisão no estágio dos estudantes quintanistas do curso de psi-



ciologia, os autores enfatizam que além deste ser um espaço de reflexão e desenvolvimento técnico, é também a possibilidade de continência às angústias dos estagiários durante todo o estágio, em um processo constate de construção e reconstrução de sua identidade profissional.

Na recente pesquisa de caráter bibliográfico realizado por Mazer e Melo-Silva (2010), as autoras analisaram a produção científica brasileira acerca da identidade profissional do psicólogo. A partir da análise de diferentes naturezas de publicação, e com as palavras-chave: identidade, profissional e psicólogo, as autoras puderam descrever a percepção que, de acordo as produções científicas verificadas, é retratada a construção da identidade de psicólogo.

Mazer e Melo-Silva (2010) descreveram que a construção da identidade profissional do psicólogo, em geral, pode ser entendida como um conjunto de fatores pessoais e profissionais que envolvem tanto a escolha do curso como profissão como o significado de ser psicólogo atribuído a priori, que aos poucos, é constituída durante e após a formação acadêmica por meio de vivências como profissional da área.

Para Mazer e Melo-Silva (2010), a partir da década de 1990, as diretrizes curriculares do curso de Psicologia sofreram modificações importantes, como a possibilidade de diferentes olhares para o indivíduo, interrompendo a perspectiva tradicional que priorizava o indivíduo, que conseqüentemente influenciará na formação da identidade profissional do psicólogo.

De acordo com as autoras, a formação da identidade de psicólogo está diretamente relacionada à formação da identidade pessoal do sujeito, pois tais formações são combinações de diferentes papéis que se complementam, envolvendo a dimensão do trabalho que conecta a vida pessoal à profissional.

A construção da identidade profissional em psicologia pode ser pensada como um processo dinâmico, ou seja, a partir do nível de envolvimento com a atuação e com o seu papel de psicólogo, e a diversida-

de de métodos e práticas assim como a trajetória pessoal, ajudam a constituir um ser-psicólogo. (MAZER; MELO-SILVA, 2010).

Segundo Mazer e Melo-Silva (2010) é de suma importância que a atuação do psicólogo compreenda e se contextualize dentro da realidade brasileira, assegurando o compromisso social da categoria.

DISCUSSÃO

Este texto teve como objetivo refletir sobre a formação profissional em Psicologia, analisando o processo de escolha profissional, e buscando compreender os elementos que envolvem a formação da identidade profissional em Psicologia.

Com este trabalho, a partir das pesquisas existentes e encontradas sobre o tema formação profissional e identidade profissional do psicólogo, percebeu-se que há necessidade de mais investigações e estudos acerca dos temas que este trabalho se propôs a apresentar, pois poucos são os trabalhos que escolheram como tema a importância de se refletir sobre a construção da identidade profissional do psicólogo.

Notou-se que cada pesquisa encontrada teve como foco um aspecto ou elemento que faz parte da formação da identidade profissional do psicólogo, não evidenciando de modo geral uma visão mais abrangente da complexidade da formação profissional em Psicologia.

De modo geral, cada pesquisa trouxe como contribuição a visão que cada autor possui sobre o que é a formação profissional em Psicologia, apresentando dados e informações novas para o conhecimento científico.

Como poucos artigos foram encontrados sobre o tema em pauta, encontraram-se na literatura diferentes linhas teóricas que contribuíram e ainda continuam sendo material científico necessário e de extrema importância para a pesquisa sobre o tema da formação em Psicologia.

De certo modo, os referenciais teóricos desta

pesquisa parecem estar mais disponíveis e acessíveis do que os trabalhos científicos disponibilizados nos meios de comunicação eletrônicos, o que permite pensar que ao mesmo tempo em que se apresentam novas contribuições de cunho científico acerca do tema pouco se faz para que elas se tornem mais acessíveis.

Sobre os dados levantados acerca do tema formação em Psicologia e seus diferentes elementos e aspectos que envolvem a formação da identidade profissional, percebeu-se que a opção profissional, e principalmente a escolha pelo curso de Psicologia como profissão envolvem diferentes elementos que cercam todo o processo de escolha e que podem influenciar direta ou indiretamente a escolha do indivíduo.

Não obstante, não só os elementos externos permeiam todo o processo de escolha, mas também os traços de personalidade e suas habilidades podem acabar intuindo o sujeito a escolher uma profissão que busque conciliar suas demandas internas e externas de cunho social.

Sobretudo, vale ressaltar que não só os elementos externos e internos podem determinar o tipo de profissão escolhida pelo sujeito, pois este está inserido em um contexto sócio-histórico que delimita culturalmente padrões de comportamento, valores e posição social, os quais, em alguns casos determinam a não escolha de uma dada profissão pela condição financeira escassa.

Tais dados levantados como afirmam Bastos e Gomide (1989) devem relevar que toda escolha possui motivos diferenciados. Portanto, segundo os autores aqueles que desejam fazer o curso de Psicologia, o fazem mais por razões pessoais, como a possibilidade de autoconhecimento, crescimento pessoal e solução de problemas do que pelos motivos voltados para prática da profissão, assim não se assegurando que aqueles que estão em formação como futuros psicólogos irão ingressar no mercado de trabalho como futuros profissionais do ramo.

Em relação à formação da identidade profissio-

nal em Psicologia, a literatura escolhida e transcrita sobre o tema demonstrou que o tema em si deve ser tratado e investigado com seriedade e constante preocupação, pois envolve a formação de profissionais aptos a ajudarem as pessoas que necessitam, buscam e precisam de psicólogos em cada contexto, como a escola, o hospital, as organizações, a clínica e dentre outros.

Conforme referido anteriormente no corpo teórico deste trabalho, esta premissa pode ser corroborada com as ideias de Bohoslavsky (1987) que afirma que uma escolha, está diretamente ligada ao desejo de ser igual a outrem real ao imaginado, para então obter os mesmos atributos, virtudes e possibilidades daquele que os possui em decorrência da posição ocupacional que exerce.

Ao contrário do acreditam Mazer e Melo-Silva (2010) a formação da identidade de psicólogo está diretamente relacionada à formação da identidade pessoal do sujeito, pois tais formações são combinações de diferentes papéis que se complementam, envolvendo a dimensão do trabalho que conecta a vida pessoal à profissional.

Porém, a partir da literatura entende-se que a formação profissional em Psicologia envolve diferentes elementos durante todo o processo de formação do estudante, como as aulas teóricas, as aulas práticas, os estágios práticos, as supervisões, a psicoterapia pessoal, as diretrizes curriculares do curso, as competências exigidas como necessárias e mínimas para atuação profissional generalista que atenda às demandas da sociedade brasileira.

Parece que as experiências e vivências dos estagiários durante sua graduação, seja em sala de aula, nos estágios e nas supervisões, são elementos que a todo o momento permitem e proporcionam o estudante a construção do conhecimento e sua transformação pessoal e profissional, auxiliando na formação da identidade profissional do psicólogo.

Assim sendo, com base na análise dos dados



coletados, a descrição feita por Coleta, Cava e Silva (2005), sobre o estágio supervisionado confirma que o estágio pode ser entendido como o início de uma prática profissional e também como um serviço de psicologia a ser prestado, além de essencial para a formação da atitude clínica e construção de uma identidade profissional, além de ser normativo é um pré-requisito para a obtenção do grau de psicólogo nos cursos de Psicologia.

Também para Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008), a supervisão de estágio tem como um de seus objetivos promover aos estagiários uma atitude de repensar sobre suas posturas utilizadas diante de cada contato estabelecido na instituição ou fora dela, e que principalmente busque formas de atuar como psicólogo.

Deste ponto de vista, tem-se que a construção da identidade profissional do psicólogo é um processo que envolve os diferentes elementos que constituem como base o curso de Psicologia, como as aulas teóricas, as aulas práticas e os estágios profissionalizantes supervisionados que contribuem ao mesmo tempo para o exercício profissional de psicólogo e também para a construção individual da identidade de psicólogo.

Portanto, de modo geral, os estudos encontrados ressaltam assim como Coelho, Peres e Oliveira (2005) que o conhecimento não pode ser algo essencialmente teórico, como na maioria dos cursos de psicologia, pois não assegura ao estagiário a consciência de seu papel como terapeuta e o desempenho satisfatório deste, entendendo que não basta ao estagiário apenas aprender, mas sim vivenciar o que se é aprendido.

No entanto, não só o curso de Psicologia pode propiciar o desenvolvimento da identidade pessoal e profissional do futuro psicólogo. Faz-se presente então, como recurso auxiliador e propulsor deste desenvolvimento a psicoterapia individual do estudante que parece promover o autoconhecimento e também futu-

ros profissionais mais saudáveis e aptos ao seu exercício profissional.

Esta ressalva também é exposta por Coelho, Peres e Oliveira (2005) que afirmam que a psicoterapia individual, como recurso que auxilia o próprio autoconhecimento, a capacidade de tolerância à frustração e a disponibilidade interna do estagiário, parecem ser elementos de extrema relevância para a presente e futura atuação profissional deste, que associada a alguma fundamentação teórica consistente, instrumentaliza todo o processo psicoterapêutico.

No que diz respeito aos dados das pesquisas encontradas, observou-se que cada pesquisa buscou compreender um elemento ou aspecto diferente que envolve a formação profissional, demonstrando também o quão rico este tema pode ser quando olhado à luz de uma abordagem teórica, método e campo de atuação diferenciados.

Ao mesmo tempo em que as pesquisas levantadas transparecem seus diferentes enfoques e métodos sobre a formação de psicólogos, a preocupação em contribuir para o conhecimento científico também se faz presente com a exposição dos dados teóricos e empíricos, podendo se afirmar que assim como se espera que ocorra no estudante o desenvolvimento de sua identidade profissional, esta também aparece em cada estilo de pesquisa e escrita.

Sobre algumas considerações, em primeiro lugar esperou-se, encontrar mais artigos científicos objetivos e aprofundados que pudessem, por meio de relatos acerca de algum tipo de estágio específico, retratar os elementos que envolvem a formação da identidade profissional.

Em segundo lugar, parece que a preocupação com a formação em Psicologia e a construção da identidade profissional é apenas investigada em estudantes quintanistas ou estagiários, não havendo qualquer tipo de preocupação com os estudantes dos semestres anteriores que também estão em formação e desenvolvendo algumas habilidades técnicas.



Com estas reflexões, a formação em Psicologia pode ser entendida também como um processo que envolve desde a escolha até a atuação propriamente dita do psicólogo. Portanto, a partir do contexto social brasileiro parece que a formação de psicólogos deverá sempre ser um tema pensado e repensado, pois como profissão necessita promover intervenções cabíveis para sua população e enquanto ciência busca prover conhecimento da evolução e transformações que a Psicologia tem conquistado.

Por assim dizer, a identidade profissional do psicólogo pode ser compreendida como uma construção e desenvolvimento de atitudes, condutas e conhecimento específico sobre a área ou áreas de atuação, as quais também promovem algum tipo de identidade. Sendo assim, a identidade profissional envolve não só o perfil daquele dado profissional atuante em determinada área, mas também diferentes influências e identificações que o estudante em sua formação admira, internaliza e projeta durante a graduação.

A partir da compreensão e reflexão destes elementos que norteiam a formação do profissional em Psicologia, acredita-se que pensar sobre os mais diversos elementos que influenciam, contribuem e direcionam a formação na área, sejam conteúdos primordiais, essenciais e estruturantes no desenvolvimento e constituição de profissionais aptos, com seriedade e ética em suas mais diferenciadas práticas psicológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto que o processo de formação em Psicologia tem sido investigado mais acerca das diretrizes curriculares dos cursos de graduação de Psicologia, como parâmetro para a formação adequada de profissionais da área, este trabalho buscou refletir, discutir e relatar os elementos que envolvem e permeiam a constituição da identidade profissional em Psicologia.

A partir do corpo teórico escolhido e também das pesquisas encontradas sobre o tema formação em Psicologia e construção da identidade de psicólogo, mesmo se tratando de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a análise do material teórico levantado possibilitou a compreensão sobre os diferentes elementos e aspectos que envolvem o processo de formação profissional em Psicologia.

Foram encontrados dados de extrema importância, e além do mais, cada trabalho optou por apontar um diferente elemento ou aspecto que faz parte do contexto da formação profissional em psicologia, não se referindo, portanto aos diferentes elementos que de certo modo acabam influenciando um ao outro.

De modo geral, foi possível refletir que o processo de escolha da profissão de Psicologia, as contribuições das aulas teóricas e a das aulas práticas, a realização dos estágios supervisionados, o exercício da supervisão e o auxílio da psicoterapia pessoal na promoção do autoconhecimento são os elementos que podem ajudar e contribuir para desenvolvimento da identidade profissional do estudante em diferentes graus.

Estes elementos atuam com o objetivo de promover o desenvolvimento das identidades pessoal e profissional do graduando de psicologia, esperando que no mínimo, o estudante ao final do curso possa ter adquirido conhecimento científico e técnico, habilidades e competências para atuar nas mais diversas áreas do campo da Psicologia.

Contudo, nota-se a necessidade de mais pesquisas que possam refletir e apontar estes diferentes elementos que fazem parte do processo de formação profissional em Psicologia, no qual ao mesmo tempo se complementam e também são essenciais no curso de graduação, uma vez que, deixariam de existir se não fossem as diretrizes curriculares estabelecidas para curso um dos elementos cruciais para a existência do curso de Psicologia.

Por fim, ressalta-se que os estudos a serem re-



alizados acerca do tema formação profissional atem para a reflexão destes elementos que ajudam a constituir o curso de graduação e também a formação da identidade profissional do estudante, não buscando apenas a verificação de um único aspecto da formação, mas o estudo da complexidade do processo de formação, dos seus diferentes elementos que parecem determinantes para o desenvolvimento de profissionais aptos, com consciência de seu papel e competentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, M. et al. Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 139-149, 2006.
- BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 6-15, 1989.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. Tradução de José Maria Valeije Bojart . 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- COELHO, H. M. B.; PERES, R. S.; OLIVEIRA, F. S. A Clínica-escola em sua dupla função: usuários e estagiários. In: MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A.; SIMON, C. P. (Orgs). **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 197-220.
- COLETA, M. F. D.; CAVA, L. R. B.; SILVA, T. C. M. Crenças e atitudes de estagiários em psicologia clínica. In: MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A.; SIMON, C. P. (Orgs). **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 315-335.
- LEMOS, C. G. et al. Referenciais de carreira e identidade profissional em estudante universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 208-223, 2007.
- MAZER, S. M.; MELO-SILVA, L. L. Identidade profissional do psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 276-295, 2010.
- RESENDE, V. R. Refletindo sobre a formação do psicoterapeuta. In: MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A.; SIMON, C. P. (Orgs). **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 433-442.
- SCORSOLINI-COMIN, F.; SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. Tornar-se psicólogo: experiência de estágio de psico-oncologia em equipe multiprofissional de saúde. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 113-125, 2008.
- SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2002.
- VASCONCELOS, Z. B. et al. Orientação vocacional: breves considerações teóricas. In: VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs). **Orientação Vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 23-33.
- WITTER, G. P.; FERREIRA, A. A. Formação do psicólogo hoje. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços**. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2005. p. 15-39.
- WITTER, G. P. et al. Formação e estágio acadêmico em psicologia no Brasil. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços**. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2005. p. 41-69.